

# Leibniz e o problema da união alma-corpo. A leitura e a crítica de Teodoro de Almeida

MARTA DE MENDONÇA

mmag@fcsh.unl.pt | CHAM / FCSH-NOVA-UAc

## Resumo

Entre os autores que contribuíram para a divulgação em Portugal da filosofia de Leibniz destaca Teodoro de Almeida. O oratoriano refere-se a Leibniz sobretudo na *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas* (10 volumes entre 1751 e 1804), na qual presta especial atenção à questão da união alma-corpo e à solução oferecida por Leibniz (cf. vol. VIII, Tarde L). Mais sucintamente, o pensamento de Leibniz é também mencionado nas *Cartas físico-matemáticas de Teodósio a Eugénio* (3 volumes entre 1784 e 1799), que constituem uma espécie de complemento da obra anterior. As duas obras revelam um conhecimento relativamente amplo da ontologia e da física de Leibniz.

O texto aborda a reconstituição que Teodoro de Almeida faz da doutrina leibniziana da harmonia preestabelecida entre a alma e o corpo e as razões que, em seu entender, nos impedem de aceitá-la. Insistindo na heterogeneidade entre a alma e as suas operações imanentes e o corpo e os seus processos materiais e transitivos, o oratoriano português discute a capacidade da filosofia de Leibniz para dar conta da natureza e unidade do vivo.

## Palavras-chave

Leibniz, Teodoro de Almeida, harmonia preestabelecida, união alma-corpo

## Abstract

Among the authors who contributed to the dissemination in Portugal of Leibniz's philosophy, Teodoro de Almeida stands out. The Oratorian refers to Leibniz above all in *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas* (10 volumes between 1751 and 1804), in which he pays special attention to the question of the soul-body union and to the solution offered by Leibniz (cf. vol. VIII, Tarde L). More succinctly, Leibniz's thought is also mentioned in the *Cartas físico-matemáticas de Teodósio a Eugénio* (3 volumes between 1784 and 1799), which

constitute a kind of complement to the previous work. Both works reveal a relatively broad knowledge of Leibniz's ontology and physics. The text addresses Teodoro de Almeida's reconstruction of the Leibnizian doctrine of the pre-established harmony between soul and body and the reasons that, in his opinion, prevent us from accepting it. Insisting on the heterogeneity between the soul and its immanent operations and the body and its material and transitive processes, the Portuguese Oratorian discusses the capacity of Leibniz's philosophy to account for the nature and unity of living beings.

**Keywords** Leibniz, Teodoro de Almeida, pre-established harmony, soul-body union

## 1. Introdução

Entre os autores que mais contribuíram para a divulgação em Portugal da filosofia de Leibniz destaca Teodoro de Almeida<sup>1</sup>. O oratoriano refere-se a Leibniz em múltiplas ocasiões, sobretudo na *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas*, mas também alude ocasionalmente a ele nas *Cartas físico-matemáticas de Teodósio a Eugénio*<sup>2</sup>, que constituem uma espécie de complemento da obra anterior. As duas obras revelam um conhecimento relativamente amplo da ontologia e da física de Leibniz. Na primeira, Teodoro de Almeida presta especial atenção à questão da união alma-corpo e à solução oferecida por Leibniz.

No presente texto analisam-se as referências de Teodoro de Almeida à doutrina leibniziana da harmonia preestabelecida entre a alma e o corpo e as razões que, em seu entender, nos impedem de a aceitar. As alusões encontram-se todas na *Recreação Filosófica*. Insistindo na heterogeneidade entre a alma e as suas operações imanentes e o corpo e os seus processos materiais e transitivos, o oratoriano

---

1. Sobre a vida de Teodoro de Almeida, cf. *Vida do P. Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório de Lisboa...*, A.N.T.T., Livraria, ms. 2316. Sobre a autoria provável deste texto, cf. F. Contente Domingues, *Ilustração e Catolicismo. Teodoro de Almeida*, Colibri, 1985, p. 40, nota 84.

2. *Cartas Físico-Mathematicas de Theodozio a Eugenio. Para servir de complemento à Recreação Filosofica*, Tomos I – Sobre os Elementos de Geometria. Lisboa, 1784; Tomo II – Sobre a Mecânica ou Leis do Movimento. Lisboa, 1784; Tomo III, Lisboa, 1799 (= CFM, seguido do tomo e da página).

português questiona a capacidade da filosofia de Leibniz para dar conta da natureza e unidade do vivo. Antes de proceder a essa análise será útil, no entanto, fazer uma breve apresentação da *Recreação Filosófica*, e destacar o tipo de presença que Leibniz tem nesta longa obra que atravessa toda a segunda metade do século XVIII.

## 2. O projeto da *Recreação Filosófica*

A redação integral da *Recreação Filosófica* estende-se por um período de 50 anos, entre 1751 e 1800. Os primeiros volumes publicam-se quase sem interrupção; os últimos estão bastante mais separados no tempo. As razões deste facto são diversas; entre elas estão certamente as vicissitudes políticas que obrigam Teodoro de Almeida, primeiro, a passar despercebido e, depois, a procurar o exílio. O projeto inicial, concebido para ser desenvolvido em seis volumes, foi integralmente realizado entre 1751 e 1762<sup>3</sup>. É ele que dá nome à obra, tal como ela é conhecida ainda hoje. Visava apresentar a nova filosofia natural, isto é, torná-la acessível a quem, por desconhecimento das línguas e por não ter acesso aos livros estrangeiros, não podia conhecê-la diretamente<sup>4</sup>. O público que Teodoro de Almeida tinha em vista era – como se indica no título – o das “pessoas curiosas que nunca frequentaram as aulas”, aí se incluindo o próprio rei. A obra teve desde o início um excelente acolhimento e os primeiros volumes foram sendo sucessivamente reeditados<sup>5</sup>.

Talvez por isso, Teodoro de Almeida decidiu ampliar o projeto inicial e completá-lo com mais quatro volumes, consagrados respetivamente à lógica, metafísica, teologia natural e ética. A redação, ou pelo menos a publicação, destes volumes é muito mais lenta. O volume VII, sobre lógica, é publicado em 1768, o volume VIII, sobre metafísica, vê a luz em 1792, o volume IX, sobre teologia natural, sai em 1793 e o último, sobre ética, em 1800. Desta forma podia

---

3. Os volumes 1 a 6 são publicados respectivamente em: 1751, 1751, 1752, 1757, 1761 e 1762.

4. Theodoro d'Almeida, *Recreação filosófica, ou Diálogo Sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiosas, que nunca frequentaram as aulas*. Tomo I. Terceira impressão, muito mais aumentada, e correcta, que as precedentes, Lisboa, 1758. Dedicatória “Ao Rey”, s/ página. (= RF I).

5. Em 1804, data da morte de Teodoro de Almeida, os sete primeiros volumes iam já na quinta ou na sexta impressão.

considerar-se concluída a apresentação de toda a filosofia moderna, e Teodoro de Almeida podia dar por concluído o projeto de toda uma vida: acentuar os acertos e denunciar os desacertos do novo modo de filosofar, eliminando os obstáculos e denunciando os falsos temores que impediam inclusivamente a gente culta e interessada de o acolher. Chama sobretudo a atenção a distância que medeia entre o volume VII e o VIII (24 anos) e também o facto de, com grande diferença, o volume VIII ser o de menor dimensão. Tudo leva a crer que Teodoro de Almeida tem menos apreço pela metafísica do que pela filosofia natural modernas, e por isso tem também menos interesse em divulgar aquela do que teve em divulgar esta.

Como o título indica, a obra desenvolve-se na forma de um longíssimo diálogo – mais de 4000 páginas –, que vai ocorrendo ao longo de muitas tardes: 69 no total<sup>6</sup>. Os intervenientes no diálogo mantêm-se ao longo das 50 primeiras tardes (oito volumes). São eles: um médico que segue a filosofia de Aristóteles (Sílvio), um religioso que se apresenta a si mesmo como moderno (Teodósio) e uma dessas pessoas curiosas que nunca frequentaram as aulas, um militar de boas famílias e com inquietações intelectuais (Eugénio). Nos dois últimos volumes, a obra mantém essencialmente a mesma estrutura em tardes e desenvolve-se também na forma de diálogo, mas os intervenientes são outros; o único que permanece é Teodósio. Não é agora o momento de justificar esse facto.

A natureza da obra, o estilo descontraído adotado, etc., ajudam a explicar o tipo de divulgação que Teodoro de Almeida tem em vista. Interessa-lhe divulgar “a sã filosofia”<sup>7</sup>, mais do que deter-se a apresentar os autores e as obras nas suas fontes. Insiste nas ideias, indicando aqui e além quem são os seus defensores, mas não se preocupa em citá-los diretamente ou em referir as obras a que está a aludir. Uma análise detida das referências permite detetar que, com frequência, essas fontes são indiretas.

---

6. Cinquenta Tardes nos primeiros oito volumes e 19 nos dois últimos, ou seja, a numeração das Tardes é sequencial nos primeiros oito volumes, mas interrompe-se nos dois últimos volumes, os quais têm também uma numeração sequencial, mas de novo de I a XIX. É manifesto que Teodoro de Almeida pretende acentuar que existe uma ruptura entre os primeiros oito volumes e os dois últimos: esta ruptura diz respeito sobretudo à diversa avaliação que ele próprio faz da filosofia moderna nos seus diversos domínios.

7. Cf. RF I, p. LIV.

### 3. Leibniz na obra de Teodoro de Almeida

Ao longo dos 10 volumes da *Recreação Filosófica*, Teodoro de Almeida alude em diversas ocasiões à obra de Leibniz, de quem fala com admiração. Logo no “Discurso Preliminar sobre a História da Filosofia”, com que, a partir da terceira edição (1758), abre o Tomo I e que antecede a Tarde I, ao descrever os progressos recentes da filosofia na Alemanha, dedica umas poucas páginas a Leibniz, “igual a Newton nas Matemáticas, de uma profundeza não menor de discurso. A sua maior aplicação na Filosofia foi sobre a Metafísica, ideando um sistema maravilhoso”<sup>8</sup>, que o próprio Teodoro de Almeida resume a seguir. Refere diversas teses de Leibniz: entre outras, o princípio de razão suficiente e a sua influência na concepção do mundo, o princípio de identidade dos indiscerníveis e a doutrina das mónadas. E conclui: “Na união da alma ao corpo foi autor da Harmonia pré-estabelecida” e prossegue com a apresentação dessa doutrina<sup>9</sup>. Voltaremos a este texto.

Nos volumes seguintes, as referências a Leibniz são relativamente escassas. Há alusões elogiosas à lei da conservação da quantidade de força, referências à incompreensão de que foi alvo o pensamento de Leibniz e pouco mais<sup>10</sup>. Em coerência com o juízo que fizera dele em 1758, Leibniz reaparece no volume sobre a metafísica<sup>11</sup>. Reaparece sobretudo em dois contextos: a propósito do princípio de razão suficiente e a propósito da questão da união entre a alma e o corpo. A este último tema dedica integralmente a secção IV da Tarde L.

Leibniz é de novo mencionado brevemente em duas ocasiões no volume IX<sup>12</sup>, sempre a propósito da sua explicação da união entre a alma e o corpo.

---

8. RF I, pp. LI-LII.

9. RF I, p. LIV.

10. Cf. RF VII, pp. 159 e 209 e CFM II, pp. 169-235, 260 e 265.

11. Theodoro d'Almeida, *Recreação filosófica, ou Diálogo Sobre a Metafísica, para instrução de pessoas curiosas, que nunca frequentaram as aulas*. Tomo VIII, Lisboa, 1792, pp. 263 e 291-303 (= RF VIII).

12. *Harmonia da Razão, e Religião. Parte I. No que toca aos Dogmas da Fé, ou Theologia Natural. Que faz o nono Tomo da Recreação*. Lisboa, 1793, pp. 72 e 356 (= RF IX).

## 4. Teodoro de Almeida e a solução leibniziana da união alma-corpo

Há, portanto, quatro momentos em que Teodoro de Almeida se refere a Leibniz a propósito do problema da união entre a alma e o corpo. As três últimas alusões são muito próximas no tempo (1792 e 1793); já entre a primeira referência e as outras três passaram quase trinta e cinco anos (1758). Não admira, por isso, que haja mais afinidades entre aquelas três do que entre a primeira e as restantes.

As três últimas referências têm em comum o mencionar sempre a solução leibniziana da harmonia pré-estabelecida juntamente com a “antiga” do influxo físico e a “cartesiana” do ocasionalismo, apresentando-as como as três soluções possíveis do problema da união entre a alma e o corpo. Coincidem também os três textos em apresentar estas soluções como soluções insatisfatórias de um problema real. Isto significa que, neste ponto, o objetivo de Teodoro de Almeida não consiste em mostrar a excelência das soluções modernas e a sua superioridade relativamente às soluções anteriores; pelo contrário, os textos visam fixar que na questão da união entre a alma e o corpo se encontra um limite da razão humana, isto é, que estamos em face de um problema insolúvel, facto que a maioria dos filósofos modernos não detetou.

Consideremos brevemente os quatro textos, a começar pelos dois últimos, por serem os mais breves. Cada um deles proporciona alguns elementos sobre a ideia que Teodoro de Almeida tem da solução de Leibniz e sobre o juízo que faz dela. Nenhum outro tema lhe mereceu tanta atenção como este.

No volume IX, como indicámos, há duas referências à doutrina leibniziana da união entre a alma e o corpo. A primeira ocorre na Tarde IV. Estão reunidos Teodósio, uma Baronesa, sua discípula e admiradora, e um Brigadeiro, amigo íntimo da família. A conversa versa sobre o princípio de Rousseau segundo o qual *“um homem de juízo não deve crer o que não compreende”*, tese a que o Brigadeiro aderiu com entusiasmo. Teodósio pergunta-lhe então o que pensa sobre a alma. O Brigadeiro responde de forma que, em seu entender, não admite réplica: *“eu só sei que é um espírito inteligente, que percebe as sensações dos sentidos e governa o movimento dos membros. Isto é o que basta para o conhecimento da alma”*.

Teodósio insiste então:

“Teod. Mas como explicais Vós que passem as sensações dos sentidos, e do cérebro material para a alma espiritual? e também como passa o movimento, ou determinação da alma espiritual para os membros corpóreos? Como é este jogo, esta união, esta passagem?”

O Brigadeiro recorda então as três soluções:

“Brigad. Nisso há três Sistemas: o de Leibniz é engenhoso, mas é matéria de riso; o de Descartes não é nada: o de Influxo Físico é impossível: com que nisso, aqui para nós, não se sabe nada”<sup>13</sup>.

O diálogo prossegue e Teodoro explica por que razão invocou o problema da união entre a alma e o corpo:

“Teod. [...] deixai-me ir seguindo a minha ideia. Amigos, isto de Mistério não é o mesmo que Quimera, ou Delírio, como muitos pensam. Mistério é uma cousa sobre, ou além da Razão humana: Quimera é uma cousa contra a Razão humana; e isto não é o mesmo. Um homem de juízo não deve, nem pode admitir o que é contra a Razão; mas pode, e às vezes deve admitir o que é sobre, ou além da Razão. Eu me explico com exemplos. Os que têm profundado a Física como Vós, confessam que na Natureza há Mistérios tais, que a mais sagaz indústria, e perspicaz inteligência não pode compreender, porém com tudo isso, não lhes é lícito o negá-los. Já no que disse da comunicação da nossa alma com o corpo vos dei uma bem evidente prova de que podemos crer de certo que uma cousa é, ainda que ninguém saiba como é”<sup>14</sup>.

Desta forma, referindo-se às três soluções, Teodoro de Almeida visa apenas estabelecer o carácter ao mesmo tempo certo e misterioso da união entre a alma e o corpo. Cada uma das soluções apresentadas, na sua insuficiência, destaca o carácter misterioso de um facto indubitável.

---

13. RF IX, p. 72. Nas citações optámos por atualizar a ortografia, mantendo, no entanto, a pontuação do texto original.

14. RF IX, pp. 76-77.

Na Tarde XIII, a questão volta a colocar-se quase nos mesmos termos. Teodósio dialoga com o irmão da Baronesa, o Chevalier. Discute-se a possibilidade de o fogo atormentar a alma. E Teodósio pergunta:

“Teod. Ora como me explicais isso filosoficamente? O fogo da vela é material; a vossa alma é espírito: como pode agora uma cousa material atormentar o vosso espírito? Cheval. Isso belamente se explica; porque o fogo atormenta o corpo, e o corpo pela união com a alma faz passar a dor para a alma”.

Teodósio insiste nas dificuldades que apresenta esta explicação aparentemente óbvia, até que o próprio Chevalier lhe pede que seja ele a explicar-lhe como se dá a união. Ao que Teodósio responde:

Teod. Não sei, nem ainda encontrei quem o soubesse. Meu amigo Chevalier, nesta matéria todos sabem que a cousa é, e ninguém sabe o como é: que o espírito sente dor ou deleite, depois de certas impressões que os objectos fazem no sentido externo, e depois no cérebro, isso é notório. Agora como isso é, ninguém o sabe. Três sistemas há sobre isso: um é o dos Antigos, de Influxo Físico; outro de Descartes, outro de Leibniz; e nenhum deles agrada a Filósofos sérios<sup>15</sup>.

Como se vê, nas duas alusões do Tomo IX Teodoro de Almeida não discute propriamente a doutrina de Leibniz; limita-se a mencioná-la como uma das soluções modernas para o problema do dualismo, mas insiste em que nenhuma delas “*agrada a filósofos sérios*”.

Já as outras duas ocorrências informam-nos mais sobre a leitura que o oratoriano faz da solução leibniziana. Consideremos primeiro o texto mais antigo, do “Discurso Preliminar”:

“Na união da alma ao corpo foi Autor da Harmonia pré-estabelecida: diz que a alma tem uma série de conhecimentos, e acções da vontade, que há-de ir seguindo, ainda que não haja corpo, nem Mundo visível; e o corpo tem uma série de movimentos, e sensações, que se hão-de ir seguindo uns aos outros infalivelmente, ainda que

---

15. RF IX, p. 356.



nunca houvesse alma; mas Deus nosso Senhor criou a alma, e de infinitos corpos orgânicos, que eram possíveis, achou um, cujos movimentos ajustassem com os da alma, da mesma sorte que se dela procedessem: e assim concordam sempre, sem que a alma tenha governo nenhum no corpo, nem o corpo possa causar percepção na alma; à maneira que dois Relógios iguais concordam sempre entre si, como se um governasse os movimentos do outro, se o Relojoeiro os fez de sorte que ajustassem. Mas é tão novo, tão subtil, tão fora das comuns ideias todo o sistema deste grande homem, que é preciso vê-lo de propósito nas fontes para se fazer conceito dele; e o passo que levamos não permitia nem esta demora”<sup>16</sup>.

É interessante observar o seguinte:

- a) Teodoro de Almeida designa a solução leibniziana como sendo a da “harmonia pré-estabelecida” e reserva esta designação unicamente para a explicação da união entre a alma e o corpo. No parágrafo anterior tinha-se referido ao sistema do mundo e às ações das causas naturais comparando-os também a um relógio, composto por partes ordenadas e conectadas de um modo muito preciso graças ao princípio de razão suficiente, mas não apresenta a ordem geral do universo como um caso de “harmonia”<sup>17</sup>.

---

16. RF I, p. LIV.

17. Cf. RF I, pp. LII-LIII: “[...] um sistema maravilhoso, que em suma era este: Todo este mundo, e acções das causas naturais é como um Relógio, e se compõe de partes de tal sorte ordenadas, e conexas entre si, que todas as coisas passadas, e presentes mutuamente dependem entre si, à maneira da mútua dependência que há nas rodas de um Relógio; que *a razão suficiente* de qualquer coisa (isto é a causa, ou motivo verdadeiro, porque é mais assim, que de outro modo possível) está não nesse composto, mas noutro; e assim sendo uns razões suficientes dos outros, todas as coisas estão travadas de maneira entre si, que umas vão puxando pelas outras com uma série seguida, à maneira de uma cadeia de fuzis, mas ligada ao mesmo tempo com todas as coisas simultâneas, com mútua dependência entre todas: de tal sorte, que metendo-se agora nestas séries de coisas uma coisa estranha de novo que não havia nele, ou tirando-se uma que havia, fica outra máquina nova, e outro Mundo novo; porque havia de ser preciso mudar todas as mais coisas simultâneas para haver nova conexão, e nova razão suficiente dessa coisa nova; e como as outras cousas mudando-se, pediam mudança nas suas causas, e nos seus efeitos, havia de mudar-se toda a máquina. Por isso a um milagre que se faz, segue-se outra fábrica diversa das séries de coisas, e outro Mundo daí por diante com mudança em tudo; e se não se segue mudança total no Mundo, é preciso novo milagre, que restituia a primeira série que se perdera; porque cada peça deste Mundo tem especial dependência de todas as mais coisas, assim como cada roda de um Relógio tem dependência de todas as mais rodas. A série de

- b) Segundo Teodoro de Almeida, a doutrina leibniziana da harmonia pré estabelecida defende que tanto a alma como o corpo constituem dois tipos diferentes de realidades substanciais, ambas dotadas de atividade própria e que operam de forma totalmente independente; a alma conheceria e quereria do modo como o faz ainda que não houvesse corpos nem mundo visível; o corpo teria movimentos e sensações idênticos aos que observamos ainda que não houvesse alma. Não deixa de chamar a atenção que atribua a sensação aos corpos e não à alma. O tema ocupá-lo-á longamente nas Tardes IX (2.<sup>a</sup> parte), XVI e XXII, ao discutir a capacidade da filosofia moderna para pensar a vida e as atividades dos animais, por contraste com as máquinas e, sobretudo, ao tentar distinguir a sensação animal da sensação humana. Aqui, essa singularidade não é tida em conta e Teodoro de Almeida atribui ao corpo do homem o que, mais adiante, considerará que é uma explicação válida apenas para os animais.
- c) Na descrição dos mecanismos da harmonia pré-estabelecida, Teodoro de Almeida não faz qualquer referência à causalidade. Não é apenas a interação causal entre realidades substanciais diferentes que é negada. A linguagem da causalidade também não é usada para explicar a ordem existente em cada um dos “relógios”.
- d) Teodoro de Almeida refere-se ao curso dos acontecimentos tanto do corpo como da alma dizendo que se “seguem uns aos outros”. Os do corpo seguem-se uns aos outros “infalivelmente”; os da alma seguem-se também uns aos outros, mas não se faz uso de nenhuma qualificação modal.
- e) Teodoro de Almeida apresenta a harmonia pré-estabelecida como sendo um processo graças ao qual Deus começa por criar uma alma e depois lhe assigna um corpo, entre os inúmeros corpos orgânicos possíveis, precisamente aquele cujos movimentos se ajustam plenamente às operações da alma, como se “dela dependessem”, à maneira de dois relógios. A concordância é conformidade, sem nenhuma interferência recíproca.

---

coisas contingentes também consta de partes entre si dependentes; por isso, suposto o principiar essa série quando principiou o Mundo, fica em certo modo necessária qualquer parte dessa série, mas nunca com necessidade absoluta”.

- f) A advertência final, segundo a qual “é preciso vê-lo de propósito nas fontes para se fazer conceito dele; e o passo que levamos não permitia nem esta demora”, remete para o problema das fontes.

A rápida descrição aqui apresentada não permite ainda julgar se o conhecimento que Teodoro de Almeida tem da filosofia de Leibniz é de primeira ou de segunda mão. Seria legítimo pensar que o oratoriano está a dar a indicação de que possui esse conhecimento direto, embora não se sirva dele nesta ocasião, por ser inadequado para os objetivos de uma breve apresentação. Algumas precauções usadas no modo de se referir às ideias de Leibniz, bem assim como a metáfora dos dois relógios, poderiam apontar também neste sentido. Em todo o caso, a descrição do mecanismo divino do ajustamento – com criação primeiro da alma e ajustamento posterior do corpo – parecem apontar mais no sentido contrário: que Teodoro de Almeida está a advertir que a apresentação que aqui faz carece de ser contrastada com os textos. A hipótese mais provável parece ser a última: neste primeiro momento, Teodoro de Almeida, que tem cerca de trinta e cinco anos, conhece o pensamento de Leibniz apenas de forma indireta, por algum seu divulgador, e só aprofundará o conhecimento de Leibniz mais tarde: a favor desta leitura está o facto de que neste momento Wolff não é sequer mencionado, ao passo que no volume VIII associa habitualmente os dois pensadores, e apresenta Wolff como um discípulo e divulgador de Leibniz. Aliás, a avaliar pelas poucas notas que o texto apresenta, é possível que uma boa parte do conhecimento que Teodoro de Almeida tem do pensamento de Leibniz lhe tenha chegado precisamente através de Wolff. Mas é também muito provável que tenha lido alguns textos de Leibniz<sup>18</sup>. Este escasso conhecimento inicial, por contraste com um conhecimento mais profundo adquirido nas décadas seguintes, permitiria compreender também por que razão a doutrina da harmonia pré-estabelecida é tão diversamente avaliada nos dois momentos: assim, neste momento inicial o sistema é qualificado como “maravilhoso”, mas adverte-se

---

18. É provável que tenha conhecido os textos que Leibniz publicou nas revistas da época, designadamente o *Système nouveau de la nature* e a troca de correspondência com Foucher suscitada por este texto. As alusões ao princípio de razão suficiente e as precisões que faz a esse respeito podem indiciar que conheceu também a correspondência com Clarke. Menos óbvio é o conhecimento da *Teodiceia*, embora não seja totalmente implausível.

que “*é tão novo, tão subtil, tão fora das comuns ideias todo o sistema deste grande homem, que é preciso vê-lo de propósito nas fontes*”; já no Livro VIII, quando apresenta detidamente a doutrina da harmonia pré-estabelecida, os qualificativos são muito diferentes: a solução é “engenhosa”, “extravagante”, “ilusória”, “falsa” ou “nada verdadeira” e proposta “sem prova”<sup>19</sup>.

Consideremos, agora, por fim, a mais extensa apresentação da solução leibniziana. Ocorre, como indicámos, na última Tarde do volume VIII. A Tarde está consagrada à alma humana e às suas perfeições. O pensamento de Leibniz sobre a origem da alma é assim apresentado por Teodoro de Almeida:

“Teod. [...] Aí tendes vós o grande Leibniz Moderno, e o seu grande comentador o Wolfio, que sobre a origem da alma dizem cousa mui galante. Dizem que todas quantas almas têm havido, há, e há-de haver até ao fim do mundo, foram criadas por Deus no princípio dele, e cada qual delas unida a certa porção de matéria, que lhe servia de corpo; mas tão pequeno tudo isso, que cabia no ventre de Eva, e que depois pelos tempos sucessivamente se foram desenvolvendo esses embriões mínimos; e que quando se desenvolviam de modo que pudessem fazer as suas funções vitais, é que se contava a vida do homem; mas que todos verdadeiramente tinham certa vida escura desde o princípio do mundo, e que neste estado, que ele chama de Pré-existência, as almas tinham seus conhecimentos muito escuros”<sup>20</sup>.

A discussão sobre a união entre a alma e corpo ocupa as secções III a V e é assim introduzida: “*Vejamos agora a outra questão, em que nada se sabe*”<sup>21</sup>.

O problema é formulado nestas poucas linhas do diálogo:

“Síl. Pois que dúvida tendes vós em dizer que a alma, e o corpo estão unidos [...]?  
[...] Vós não podeis negar que a alma governa todos os movimentos do corpo.  
Teod. Não nego.

19. Cf. RF VIII, pp. 291 e ss.

20. RF VIII, pp. 263-264.

21. RF VIII, p. 277.

Sílv. Também não podeis negar que os sentidos do corpo fazem a alma ciente dos objectos, que lhes pertencem.

Teod. Também concedo.

Sílv. Logo estão unidas entre si estas duas substâncias, alma, e corpo.

Teod. Concedo.

Sílv. Pois então como dizeis, que disto nada se sabe, se vós concedeis como cousa evidente esta união das duas substâncias!

Teod. Concedo que estão unidas estas duas substâncias; mas como estão unidas não sei, e digo que ninguém o sabe”<sup>22</sup>.

O diálogo prossegue em tom de polémica: Teodósio apresenta objeções – que tem por insolúveis – ao sistema do influxo físico, defendido pelo peripatético Sílvio, e é instado por este a apresentar uma solução que lhe pareça satisfatória. A isso responde: “*Não darei sentença melhor; mas explicarei outras duas sentenças, que também não dizem nada que me satisfaça*”<sup>23</sup>. A primeira é a de Leibniz<sup>24</sup> (cf. secção IV).

Com poucas variações de pormenor, a apresentação do sistema da harmonia é similar à de 1758. Na realidade, a diferença mais significativa diz respeito ao próprio juízo de Teodoro de Almeida sobre a solução leibniziana.

A doutrina de Leibniz é apresentada nos seguintes termos:

“Teod. Leibniz, e depois dele Wolfio, seu grande apaixonado, e comentador, diz, que a união, e comércio entre o corpo, e a alma consiste na harmonia pré-estabelecida entre eles.

[...]

Teod. Eu me explico; mas preparai-vos para a cousa mais nova, que já mais ouvistes. Diz que o corpo humano é uma máquina, ou relógio de tal natureza, que nele todos os movimentos que tem, se vão sucedendo uns a outros, nascendo deles por essencial disposição da máquina; e isso independente da alma, que nele habita; de forma

---

22. RF VIII, pp. 278-279.

23. RF VIII, p. 290. Cf. p. 291: “neste ponto nada me agrada, e a tudo acho inconveniente; mas sempre Eugénio gostará de saber o que dizem os melhores”.

24. Cf. RF VIII, pp. 291-299.

que se Deus tirasse de repente a alma a Camões v. gr. sem lhe destruir o corpo, este Poeta falaria, comeria, escreveria as suas Lusíadas, e todos os seus versos sem ter alma, do mesmo modo que o fez, tendo alma racional; porquanto a alma que nós temos, diz Leibniz, por modo nenhum influi no corpo, nem governa as suas acções, sendo elas todas umas filhas de outras por mecanismo cego, e infalível.

[...]

Teod. Acrescenta mais Leibniz, que a alma também é outro relógio, ou máquina espiritual, em que todas as sensações, apetites, vontades, discursos, dores, etc. são cousas, que nascem umas de outras por mecanismo necessário, sem que o corpo, em que essa alma habita, tenha ali parte alguma: de forma que se Deus milagrosamente, e de repente destruísse o corpo, que vós, Sílvio, tendes, e todos os mais corpos deste mundo, a vossa alma não teria mudança alguma: ela ouviria disputas, veria combates, discorreria, teria dores de gota, gostos, e apetites, resoluções, raivas, etc. do mesmo modo que agora [...]. Uma vez que Deus criou a vossa alma, nela havia de haver as mesmas sensações, e actos, e resoluções que agora tem, ainda que não houvesse corpo humano, nem Sol, nem universo corpóreo, ela veria, ouviria, teria a sensação de dores, ou regalos, e o entendimento faria os mesmos discursos”<sup>25</sup>.

O mecanismo de constituição desta harmonia é apresentado também em termos que não divergem muito dos usados no texto anterior:

“Teod. Isto assim suposto, porque Leibniz nada prova, supõe isto para depois armar o seu sistema. Diz ele que Deus criou uma alma, v. gr. a de Alexandre Magno; e daí (a nosso modo de explicar) foi à colecção de todos os corpos humanos possíveis, e relógios viventes, e escolheu um, cujos movimentos quadrassem inteiramente com as sensações, e actos da alma: de forma que por força haviam de concordar as acções, e movimentos do corpo com as sensações, e vontades da alma, sem que uma cousa tivesse a mais pequena acção na outra. Exemplo. Nós sabemos pela Física que os pêndulos têm esta propriedade, que as suas oscilações dependem do comprimento do cordão, ou vara, de que pende a lentilha: se estiver um pêndulo a andar, e fazendo as suas oscilações, qualquer Físico sabe como há-de ser outro pêndulo, que dez léguas distante do primeiro concorde com ele em todas as suas

---

25. RF VIII, pp. 291-294.

oscilações, começando ambos a um tempo, e acabando igualmente; porque sabe que dando a ambos o mesmo comprimento, e largando o segundo no princípio de qualquer oscilação do primeiro, ficariam sempre concordando nas oscilações, sem que um pêndulo tivesse acção nenhuma sobre o outro. Pois desse mesmo modo, diz Leibniz, que é o corpo com a alma, concordam entre si, sem que nem a alma governe o corpo, nem o corpo cause na alma a mínima mudança, ou sensação”<sup>26</sup>.

A descrição do sistema da harmonia é no essencial idêntica à apresentada em 1758: a metáfora dos dois relógios continua a servir para ilustrar a independência e o ajustamento entre a alma e o corpo; a linguagem da causalidade continua a ser substituída pela da sequência temporal ou pela do mecanismo, sem alusão a processos de dependência causal dos corpos entre si ou das almas entre si.

Há, no entanto, algumas diferenças em relação ao que se encontra no texto anterior que vale a pena destacar:

- a) uma das mais significativas é que a sensação é agora colocada do lado da alma e não do corpo; os corpos só são afetados por movimentos e as sensações pertencem à alma. Deus não escolhe entre “infinitos corpos orgânicos” aquele que melhor se ajusta a cada alma, escolhe entre “relógios vivos”.
- b) Teodoro de Almeida faz uma leitura necessitarista do sistema da harmonia, e entende o determinismo em termos necessitaristas. Tanto a sucessão de ações do corpo como a sucessão de ações da alma são descritas em termos de necessidade: das ações dos corpos diz-se que são filhas umas das outras “por mecanismo cego, e infalível”; das ações da alma diz-se que nascem umas de outras “por mecanismo necessário”.
- c) O oratoriano insiste no carácter “artificial” da solução leibniziana. Em seu entender, a doutrina da harmonia é pressuposta ou adotada sem prova: “*Isto assim suposto, porque Leibniz nada prova, supõe isto para depois armar o seu sistema*”<sup>27</sup>.
- d) a metáfora do relógio, mais estrutural, é completada com a metáfora do pêndulo, mais adequada para acentuar o ajustamento funcional.

---

26. RF VIII, pp. 294-295.

27. RF VIII, p. 294.

Na continuação do texto anterior, Teodoro de Almeida insiste nas dificuldades que a solução leibniziana lhe coloca:

“Teod. Se não tivesse tantas dificuldades, também me agradaria; mas primeiramente supõe duas cousas, ambas mui árduas, e supõe-nas sem prova alguma. A primeira é que o nosso corpo é uma tal máquina, que posta uma vez a obrar, necessariamente se vão seguindo todos os movimentos, que nós havemos de fazer em toda a vida, sem que nós sejamos os senhores de omitir, retardar, apressar o menor desses movimentos, ainda que a alma fosse destruída”<sup>28</sup>.

E prossegue:

“Ora isto sendo cousa tão nova, e tão extravagante, quer Leibniz que nós creiamos que é assim, porque ele o diz; nem há motivo, ou razão para tal crer, antes para o contrário”<sup>29</sup>.

O mesmo juízo valeria para o segundo pressuposto:

“Teod. A outra cousa, que Leibniz supõe é que a alma é outro autómato, ou máquina espiritual, na qual todos os pensamentos, juízos, discursos, desejos, afectos, resoluções, dores, sentimentos, vontades, etc. mecanicamente se vão sucedendo uns a outros, de forma que uma vez criada a tal alma, forçosamente tudo se vai seguindo, sem que nem o corpo a possa mudar de sentimento, nem ela mesma tenha força para impedir isso, que está na máquina determinado”<sup>30</sup>.

Além de considerar não justificada a solução leibniziana, Teodoro insiste em fazer dela uma leitura necessitarista. A linguagem dos autómatos é interpretada em termos mecânicos e necessitaristas, quando aplicada à alma.

Embora Teodoro de Almeida nunca o refira, as críticas que neste contexto dirige a Leibniz, e os exemplos de que se serve para ilustrar o sistema da

28. RF VIII, p. 296.

29. RF VIII, p. 297.

30. RF VIII, pp. 297-298.



harmonia, recordam as que Simon Foucher dirigiu publicamente ao filósofo de Hannover por ocasião da publicação do *Système nouveau*; é possível que se baseasse naquela crítica para, por sua vez, criticar Leibniz<sup>31</sup>.

## 5. Conclusão: a incompreensão de Teodoro de Almeida da solução leibniziana

É evidente que Teodoro de Almeida não é fiel à doutrina leibniziana da harmonia e que acaba por apresentar uma versão caricatural da tese leibniziana.

As imagens de que se serve para descrever o processo de constituição dos homens – com criação da alma e “posterior” atribuição de um corpo – revelam que tem uma visão substancialista tanto dos corpos como das almas; embora se refira à doutrina das mónadas como constitutivos últimos dos corpos<sup>32</sup>, não teve em conta esta tese e as suas implicações ao pensar o sistema da harmonia, em concreto o estatuto ontológico dos corpos.

Por outro lado, a apresentação dos processos que ocorrem no corpo e na alma como processos que derivam mecanicamente uns dos outros, mostra que não conhece, ou não teve em conta, a explicação da harmonia como uma articulação entre o reino das causas eficientes e o reino das causas finais. O dinamismo teleológico das operações da alma, por exemplo, é totalmente omitido.

Mas a razão fundamental da leitura incorreta que Teodoro de Almeida faz do pensamento de Leibniz e o motivo principal para rejeitar a solução leibniziana são muito mais radicais. Têm que ver com o modo diverso como os dois autores concebem a noção de “forma”. Teodoro de Almeida sustenta, e afirma-o logo

---

31. O facto de tanto *Système nouveau* como a reacção de Foucher terem sido publicados no *Journal des Sçavans* reforça esta plausibilidade, porque é manifesto que Teodoro de Almeida conhece e usa com frequência textos do *Journal*. Cf. *Système nouveau de la nature et de la communication des substances, aussi bien que de l'union qu'il y a entre l'âme et le corps*, in *Journal des Sçavans*, 27-VI e 4-VII-1695, pp. 294-306. Foucher critica publicamente o texto em: *Objections de M. de Foucher, Chanoine de Dijon, contre le nouveau systeme de la communication des substances, dans une lettre à l'auteur de ce systeme*, in *Journal des Sçavans*, 12-IX-1695, pp. 422-426. Leibniz publica uma réplica a estas objeções em: *Eclaircissement du nouveau Système de la communication des substances, pour servir de reponse à ce qui a este dit dans le Journal du 12. Septembre 1695*, in *Journal des Sçavans* 2-IV-1696, pp. 166-171.

32. Cf. RF I, pp. LIII-LIV.

nas primeiras páginas do Tomo I da *Recreação*, que a grande diferença entre a filosofia moderna e a filosofia anterior tem origem no modo diverso de pensar a forma<sup>33</sup>. Aí há que procurar também a excelência da filosofia moderna. Para Teodoro de Almeida, a forma consiste unicamente na disposição das partes da matéria e, se excetuarmos a alma humana ou os espíritos, não é concebível nenhum tipo de realidade que não seja material. Os únicos seres não redutíveis à matéria são os espíritos. Daí que a doutrina da harmonia entre a alma e o corpo só possa ser pensada em termos de uma união, metafisicamente impossível de explicar, entre duas realidades substanciais independentes e heterogêneas, com as inevitáveis dificuldades daí decorrentes.

---

33. Cf. RF I, pp. 34-35.